

Drivers de Internacionalização de Startups Promovidos pelo Ecosistema de Inovação de Florianópolis – SC

ANA MARIA SIMÕES RIBEIRO, SILVIO ANTÔNIO FERRAZ CARIO e
PAOLA AZEVEDO*

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender como um ecossistema de inovação em um país emergente oferece oportunidades para *startups* desenvolverem os *drivers* necessários para sua internacionalização. Para tal, optou-se pela realização de uma pesquisa exploratória e documental, de caráter qualitativo e corte temporal transversal, no ecossistema de Florianópolis em Santa Catarina. Foram identificadas dez organizações, pertencentes ao ecossistema de inovação de Florianópolis, que trabalham promovendo *drivers* de internacionalização em *startups*, a saber: CELTA; MIDTEC; INSEED; SINOVA - UFSC; ACATE; IMPACT HUB; CERTI; AIESEC; INTERN-Brasil; SEBRAE - SC. Dentre as principais ações promovidas estão: realização de missões internacionais; congressos, reuniões e palestras e eventos com temáticas de internacionalização para o público de empreendedores de *startups*; treinamentos e capacitações sobre o tema; geração de *networking* internacional para as empresas; fomento com recursos financeiros a projetos de internacionalização; e recrutamento de estagiários estrangeiros para auxiliar em projetos de internacionalização.

Palavras-chave: Internacionalização de empresas. Startups. International New Venture. Ecosistema de Inovação. Florianópolis.

Internationalization Drivers of Startups Promoted by the Innovation Ecosystem of Florianópolis – SC

Abstract: The aim of this work is to understand how an innovation ecosystem in an emerging country offers opportunities for *startups* to develop the necessary drivers for their internationalization. For this, it was decided to carry out an exploratory and documentary research, of a qualitative nature and cross-sectional time, in the ecosystem of Florianópolis in Santa Catarina. Ten organizations were identified, belonging to the innovation ecosystem of Florianópolis, which work promoting internationalization

*Ana Maria Simões Ribeiro é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Silvio Antônio Ferraz Cario é professor Titular, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Economia e de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Paola Azevedo é coordenadora de Inovação do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutora em Administração pela UFSC.

Endereço: anasimoesribeiro@gmail.com.

Este é um artigo de acesso aberto sob os termos de licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja apropriadamente referenciado.

DOI: 10.48075/revistacsp.v22i42.30683

© 2023 Os autores. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva* publicada em nome dos programas do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGADM) e do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade (PPGC), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

drivers in *startups*, namely: CELTA; MIDTEC; INSEED; SINOVA - UFSC; ACATE; IMPACT HUB; CERTI; AIESEC; INTERN-Brazil; SEBRAE - SC. Among the main actions developed are: realization of international missions; conferences, meetings and lectures and events with themes of internationalization for the public of *startup* entrepreneurs; training and capacity building on the subject; generation of international networking for companies; support with financial resources to internationalization projects; and recruitment of foreign interns to assist in internationalization projects.

Keywords: Internationalization of companies. *Startups*. International New Venture. Innovation Ecosystem. Florianopolis.

Recebido em: 23/02/2023 – **Aprovação:** 17/05/2023

1 INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX, as barreiras comerciais que costumavam proteger os mercados domésticos vêm se tornando menos perenes à medida que os mercados se tornam mais interconectados (JØRGENSEN; NILSEN, 2015; EFRAT; GILBOA; YONATANY, 2017). Perante um comércio em escala global, as empresas competem com organizações internacionais, independentemente de seu tamanho ou setor de atuação (PINHO; PRANGE, 2016). Tal movimento representa oportunidades que mercados fechados não possibilitavam antes, como maior variedade de nichos, demanda superior e melhor expectativa de crescimento do que os cenários nacionais. Além disso, a expansão para mercados internacionais pressiona as empresas a inovarem mais, melhorarem seus processos e capacitarem seus funcionários (CASTAÑO; MÉNDEZ; GALINDO, 2016).

Para pequenas empresas que lidam com fluxos intensos de informação e tecnologia, os padrões de internacionalização respeitam regras diferentes daquelas operadas em companhias grandes e tradicionais (KUIVALAINEN; SAARENKETO; PUUMALAINEN, 2012; CASTAÑO; MÉNDEZ; GALINDO, 2016). Estes autores denominam esse tipo de empresas de *startups*. As *startups* são empresas novas que lidam majoritariamente com produtos e serviços de base tecnológica (ARRUDA et al., 2015).

Para permanecerem competitivas, as *startups* precisam atender às exigências com relação a produtos e capacidade de inovação, em um mercado com grande concorrência e, ao mesmo tempo, com oportunidades diversas e profusas. A internacionalização é uma estratégia que auxilia nesses processos e ajuda na sobrevivência desse tipo de organização, uma vez que a internacionalização impulsiona e se beneficia da capacidade de inovação dessas empresas (MARTIN; JAVALGI; CAVUSGIL, 2017).

Todavia, existem muitas barreiras para que estas empresas se tornem globais. A maioria das pequenas empresas não exporta, especialmente nas economias em desenvolvimento (LARIOS HERNANDEZ, 2018). Para contornar essas limitações busca-se por *drivers* ou motivadores que tem o poder de impulsionar as *startups* para o mercado global. Os *drivers* são recursos e habilidades específicos necessários para aumentar a probabilidade de sucesso da internacionalização (SEKLIUCKIENE; JAROSINSKI; KOZMA, 2019).

Dentre os *drivers*, pode-se citar: capacidade de inovação, acesso a redes de contatos, proficiência em línguas estrangeiras, criatividade da equipe, modelo de negócios, conhecimento sobre o mercado, entre outras. Uma das formas de contornar essas dificuldades é se inserir em ecossistemas de inovação. De acordo com Dubina *et al.* (2017), ecossistemas empresariais de inovação são modelos complexos de relações entre agentes econômicos, em um contexto de desenvolvimento de tecnologias e inovações. As *startups* localizadas em ecossistemas de inovação acessam redes e recursos que facilitam os processos de internacionalização.

Nesta perspectiva, o Estado de Santa Catarina vem se constituído numa região econômica em que empresas de base tecnológica mostram-se presentes. Esse estado federativo é o segundo maior polo de empresas de base tecnológica e o quarto maior em profissionais atuando nesse segmento no Brasil. Encontram-se presentes 17.684 empresas de base tecnológica, sendo que a maior concentração de empresas ocorre na região da Grande Florianópolis (32,6%), Vale do Itajaí (26,3%) e Norte Catarinense (19%), com destaque para os municípios de Florianópolis, Blumenau e Joinville, respectivamente. As regiões Oeste Catarinense (10,4%), Sul (9,1%) e Serrana (2,5) se fazem presentes, mostrando que essa atividade está distribuída em várias regiões econômicas. Figuram nesse contexto 22 incubadoras de empresas de base tecnológica, que abrigam cerca de 350 empresas em processo de incubação (ACATE, 2021).

Diante do exposto, ressalta-se a importância econômica e social dos temas relacionados à internacionalização de *startups* e dos ecossistemas de inovação, visto que a pesquisa nessa temática ainda é muito incipiente (TURCAN; JUHO, 2016, SARMENTO; DE CARVALHO; DIB, 2016, VAN SCHIJNDEL, 2019). Ao considerar a evidência empírica sobre este fenômeno em países de economias emergentes, como é o caso do Brasil, a pesquisa é ainda mais escassa (CAHEN; LAHIRI; BORINI, 2016). Portanto, levando em consideração o que foi explicitado acerca da relevância do tema e das lacunas de pesquisa, bem como a elevada concentração de empresas de base tecnológica na região da Grande Florianópolis, objetiva-se neste estudo compreender como um ecossistema de inovação em um país emergente oferece oportunidades para *startups* desenvolverem os *drivers* necessários para sua internacionalização.

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, o presente texto está dividido em seis seções. Nessa 1ª. seção aponta-se o seu propósito; na 2ª. Seção, apresentada na sequência, realiza-se tratamento teórico-analítico; na 3ª. seção descreve-se o procedimento metodológico; na 4ª. seção descreve-se, de forma sintética, o regramento institucional pró-inovação em Santa Catarina; na 5ª. seção apresenta-se o ecossistema de inovação em Florianópolis; e, por fim na 6ª. seção faz-se a conclusão.

2 TRATAMENTO TEÓRICO ANALÍTICO

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DE STARTUPS

A internacionalização de empresas representa o processo de expansão e inserção das organizações em mercados estrangeiros, buscando por lucros e melhores oportunidades (TURCAN; JUHO, 2016, SYMEONIDOU; BRUNEEL; AUTIO, 2017). Este campo de estudo surgiu em razão da crescente necessidade de explicar os fenômenos relacionados às trocas internacionais e suas consequências para as empresas e para a economia regional (BOERMANS; ROELFSEMA, 2015; ARRUDA et al., 2015). Diversos estudos apresentam resultados que comprovam a influência da internacionalização sobre o desempenho das organizações, demonstrando como essa dinâmica pode gerar vantagem competitiva. Organizações internacionais tendem a ser mais produtivas, competitivas e inovadoras, pois o contato com diferentes ambientes comerciais impulsiona essas capacidades (PRANGE; VERDIER, 2011; BOERMANS; ROELFSEMA, 2016; ZIVLAK et al., 2017).

A globalização e os maiores índices de competição forçam as empresas a conseguirem concorrer em outros mercados (RAYMOND, et al., 2014). Nesse contexto, organizações de pequeno porte também apresentam possibilidades e motivações para ingressar no comércio internacional em busca de conhecimentos estratégicos, melhoria da capacidade de inovação e performance superior a de seus concorrentes (BOERMANS; ROELFSEMA, 2016). Estudos comprovam ser possível o alcance de um melhor desempenho por pequenas empresas que optam por atuar em mercados estrangeiros (DEBRULLE; MAES, 2015; JØRGENSEN; NILSEN, 2015; PINHO; PRANGE, 2016). Por razões como esta é que as *startups*, as quais nos primeiros estágios de desenvolvimento adotam práticas de gestão ou desenvolvimento de produtos com forte caráter inovativo (RIES, 2012), podem ter mais facilidade para a internacionalização do que outros tipos de pequenas e médias empresas (BOERMANS; ROELFSEMA, 2016).

Estas empresas têm estruturas flexíveis, abertas e acesso a redes de empresários e pesquisadores que auxiliam a gerar inovações complementares (DELL'ANNO; EVANGELISTA;

DEL GIUDICE, 2018). Como as *startups* são organizações que constantemente impulsionam a inovação, têm maior flexibilidade e funcionários altamente motivados (CHAMELIAN, 2016). Nesse contexto, predominantemente relacionado às indústrias de base tecnológica, o processo de internacionalização é caracterizado pela necessidade de desenvolver continuamente o conhecimento e a tecnologia propriamente dita, portanto, as *startups* podem alcançar um crescimento internacional superior (LÖFGREN, 2018).

A literatura descreve vantagens das quais as *startups* podem se beneficiar quando passam por um processo de internacionalização. O mercado internacional proporciona mercados e oportunidades de negócios mais amplas, pois diminuiu as limitações das fronteiras nacionais (DELL'ANNO; EVANGELISTA; DEL GIUDICE, 2018). Devido ao aumento das possibilidades, desafios e aprendizados gerados pela interação internacional, as empresas exportadoras tendem a superar a sua concorrência em termos de produtividade, emprego, intensidade de capital, recursos financeiros e gastos em pesquisa e desenvolvimento e investimentos (FERGUSON; HENREKSON; JOHANNESSON, 2019).

Por sua vez, existem barreiras a serem transpostas pelos empreendedores. As barreiras podem ser externas, como a própria falta de informações sobre o mercado externo, concernentes à cultura, instituições, regras, regulamentos, recursos e as características dos fornecedores, concorrentes e clientes, além de barreiras e restrições legais. E as barreiras podem ser internas, pois as empresas muitas vezes carecem de recursos, conhecimentos e habilidades gerenciais internas que enfraquecem suas tentativas, em especial as *startups* que ainda estão testando seu modelo de negócios (LÖFGREN, 2018, SYMEONIDOU; BRUNEEL; AUTIO, 2017; JOHNSTONE *et al.*, 2018). Outras barreiras internas são: medo e insegurança quanto à aceitação de produtos no exterior, falta de capital, contatos pessoais limitados no mercado externo e carência de pessoal qualificado para realizar as exportações (CAHEN; LAHIRI; BORINI, 2016).

Para contornar essas barreiras, existem diversos *drivers*, ou motivadores, que podem direcionar e auxiliar as *startups* no sentido da internacionalização, considerando que os motivadores para *startups* são diferentes daqueles para firmas tradicionais (STUCKI, 2016). Os *drivers*, nesse sentido, são recursos e habilidades específicos necessários para aumentar a probabilidade de sucesso da internacionalização (SEKLIUCKIENE; JAROSINSKI; KOZMA, 2019). Nessa senda, vários autores sustentam que a capacidade de inovação é um dos aspectos mais importantes para a internacionalização, da mesma forma que ela também estimula a primeira, em uma relação bilateral (BOERMANS; ROELFSEMA, 2015; REN; EISINGERICH, 2015; CASTAÑO; MÉNDEZ; GALINDO, 2016; FILIPPETTI; FRENZ; IETTO-GILLIES, 2017; MARTIN; JAVALGI; CAVUSGIL, 2017; ZIVLAK *et al.*, 2017).

Associado à capacidade de inovação, um dos *drivers* mais importantes descritos pela literatura é a presença de um *networking* (ou rede de relacionamentos), geralmente mais forte em ambientes inovativos (SARMENTO; DE CARVALHO; DIB, 2016; MARTINEZ-GOMEZ; BAVIERA-PUIG; MAS-VERDU, 2010; DEBRULLE; MAES, 2015; PINHO; PRANGE, 2016; SYMEONIDOU; BRUNEEL; AUTIO, 2017). O termo é usado para designar um conjunto de atores conectados que podem ser organizações ou indivíduos (VARMA; NAYYAR; BANSAL, 2016). Dentre os agentes principais de *networking* que influenciam na internacionalização das organizações estão: universidades; centros de tecnologia e inovação; centros de pesquisa e desenvolvimento; centros de serviços; associações de empresas e outros empreendedores. Tais agentes são mutuamente beneficiados quando conectados em rede, o que aumenta suas capacidades dinâmicas (MARTINEZ-GOMEZ; BAVIERA-PUIG; MAS-VERDU, 2010).

O *networking* reduz os riscos da internacionalização por meio da cooperação mútua entre os componentes das redes, enquanto as alianças estratégicas promovem a troca e acúmulo de conhecimentos de mercado (PINHO; PRANGE, 2016). Principalmente para empresas como as *startups*, a rede de relacionamentos são consideradas uma ferramenta essencial para facilitar o acesso a recursos financeiros, humanos e informativos (LAURELL; ACHTENHAGEN; ANDERSSON, 2017; LÖFGREN, 2018; DELL'ANNO; EVANGELISTA; DEL GIUDICE, 2018). As *startups* conectadas as redes ligadas aos ecossistemas de inovação globais crescem mais rápido e têm desempenho melhor, pois as redes permitem compartilhamento de conhecimento, capital internacional, entre outros relacionamentos (VAN SCHIJNDEL, 2019).

A internacionalização é influenciada ainda por outros fatores relacionados às características das empresas e dos empresários e equipe. Com relação à equipe, a literatura cita habilidades e experiências gerais e específicas, como habilidades internacionais de *networking*, proficiência em línguas estrangeiras, capacidade de aprendizado, criatividade, curiosidade, diligência, mentalidade futura e confiabilidade, mentalidade global e orientação empreendedora (STUCKI, 2016, NEUBERT; VAN DER KROGT, 2017, SEKLIUCKIENE; JAROSINSKI; KOZMA, 2019, JOHNSTONE *et al.*, 2018). Aqueles empresários jovens com educação e experiência estrangeiras em mercados estrangeiros e experiência prévia em *startups* têm maior probabilidade de internacionalizar (VARMA; NAYYAR; BANSAL, 2016).

Como níveis relacionados às características da empresa, pode-se citar o modelo de negócios, recursos, estratégia, localização, nível de digitalização, entre outros. Os processos relacionados à própria internacionalização também devem ser considerados, como o tipo de internacionalização, as características do mercado estrangeiro, o modo de entrada no mercado, implementação bem-sucedida de um processo estruturado de desenvolvimento de mercado,

exclusividade da tecnologia e do portfólio de produtos e disponibilidade de oportunidades de mercado (SYMEONIDOU; BRUNEEL; AUTIO, 2017, NEUBERT; VAN DER KROGT, 2017, SEKLIUCKIENE; JAROSINSKI; KOZMA, 2019, VARMA; NAYYAR; BANSAL, 2016).

1.1 SISTEMA NACIONAL DE INOVAÇÃO

Os *networkings* envolvidos nos processos de internacionalização, como os ecossistemas de inovação estão inseridos nos Sistemas Nacionais de Inovação (SNI) de seus países correspondentes. O SNI é uma rede de instituições, tanto no setor público quanto privado, cujas atividades e interações iniciam, importam e difundem tecnologias, considerando o contexto nacional (EDQUIST, 2010). O conceito, que tem tanto uma natureza acadêmica, quanto voltada para os legisladores, engloba um conjunto amplo e sistêmico de fatores e relacionamentos entre as organizações, instituições e estruturas socioeconômicas (DO COUTO SANTOS, 2014). Nessa linha, o SNI se mostra fundamental para a promoção do desenvolvimento econômico das nações (PEREIRA; DATHEIN, 2012).

Nos SNIs existem elementos que definem a taxa e a orientação dos processos inovativos e que tem como função principal perseguir processos de inovação para desenvolver, difundir e usar inovações (EDQUIST, 2010). Entre esses fatores estão: características dos grupos de pesquisa e desenvolvimento; criação dos mecanismos que propiciem interações; criação de instituições importantes, como universidades, institutos de pesquisa, empresas e seus laboratórios de P&D; localização dos grupos de pesquisa e empresas e a distância entre elas; investimentos financeiros nos atores envolvidos com a interação Universidade-Empresa; capacidade dos atores desenvolverem relações de confiança, entre outras (AZEVEDO, 2016; GARCIA *et al.*, 2014).

Os SNIs são os locais onde se estabelecem as interações dos Ecossistemas de Inovação e são determinantes para uma maior probabilidade (ou não) para a internacionalização. A abordagem do SNI enfatiza o papel das interações voltadas para o processo inovativo (SAAD; ZAWDIE, 2011). A abordagem do SNI dá foco às empresas existentes e ao motor da inovação, com outras organizações funcionando como uma estrutura de suporte e vê a universidade figura como um agente deste entorno para a promoção da competitividade das empresas e das nações (LE MOS; CARIO; DE MELO, 2015).

O conceito de aprendizagem tem figura de destaque nessa abordagem, uma vez que os sistemas nacionais de inovação são justamente sistemas de aprendizado das economias nacionais (NIOSI, 2002). Sendo assim, o processo de aprendizagem é parte inerente e indissociável da evolução das tecnologias tanto físicas (receita anônima sobre qualquer divisão de trabalho), quanto

sociais (instituições envolvidas nos processos, os modos de ação, rotina e hábitos), envolvidos nos processos inovativos) (NELSON; NELSON, 2002; PEREIRA; DATHEIN, 2012).

As firmas não inovam de maneira isolada e sim em colaborações com outras organizações, que podem ser outras empresas, universidades, ou setores do governo. O comportamento das organizações é baseado em instituições, como: leis, normas e rotinas, que podem representar incentivos ou obstáculos para a inovação e que diferem muito de um país para o outro (EDQUIST, 2010). Algumas das principais atividades envolvidas nesse contexto são: a) fornecimento de insumos de conhecimento para o processo de inovação; b) fornecimento dos resultados de pesquisa e desenvolvimento (P&D); c) construção de competências por meio de educação e treinamentos; d) criação de mercados para novos produtos e) articulação dos requisitos de qualidade de novos produtos; f) atividades de incubação aos novos esforços de inovação; g) criação de organizações que promovam inovação, entre outras (EDQUIST, 2010).

1.2 ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Considerando que as *startups* geralmente enfrentam restrições de recursos e falta de conhecimento dos gestores sobre internacionalização, os ecossistemas de inovação possibilitam atenuar essas dificuldades (DUBINA et al., 2017, VELT; TORKKELI; SAARENKETO, 2018, CIVERA; MEOLI; VISMARA, 2019, VAN SCHIJNDEL, 2019). Esses ambientes se articulam de modo a facilitar a construção de uma rede de contatos (*networking*) e a formação de parcerias entre os agentes de um mesmo ecossistema, podendo ser muito benéficos para as suas *startups* (PINHO; PRANGE, 2016). As iniciativas destinadas a auxiliar os processos de internacionalização das *startups* concentram-se principalmente no ecossistema empreendedor de inovação (VELT; TORKKELI; SAARENKETO, 2018).

Ecossistemas de inovação são espaços relacionados ao desenvolvimento de tecnologias e inovações em um contexto empresarial. Tais espaços são constituídos por modelos dinâmicos e complexos de relações entre agentes econômicos, os quais colaboram mutuamente para a criação e implementação dessas inovações (DUBINA et al., 2017). O termo faz analogia à biologia, sendo utilizado para exemplificar esses grupos de agentes e as correlações entre eles (KOSLOSKY; SPERONI; GAUTHIER, 2015). Nesses ambientes, processos de pesquisa e desenvolvimento, financiamento, marketing, entre outros são realizados por meio de cooperações, de modo a gerar benefícios para as partes, tanto local como globalmente (KOMNINOS, et al., 2016).

Dentre os atores envolvidos nesse *networking*, estão organizações, instituições e indivíduos que impactam a organização focal, como clientes, concorrentes, complementadores, fornecedores,

autoridades reguladoras, órgãos normativos, judiciário e instituições de ensino e pesquisa, incubadoras e aceleradores de empresa e outras instituições de fomento (VELT; TORKKELI; SAARENKETO, 2018; VAN SCHIJNDEL, 2019).

Percebe-se, então, o forte caráter da inovação e do *networking*, fatores apontados como influentes no processo de internacionalização em pequenas empresas (PINHO; PRANGE, 2016; ZIVLAK et al., 2017). Os atores presentes nessas redes, muitas vezes estão localizados em habitats de inovação, inserido no ecossistema. De acordo com Conceição Neto *et al.* (2018), habitats de inovação são locais: “(...) diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são lócus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando *networking* e permitindo minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios”. Nessa perspectiva, possibilita a integração dos atores – empresas, universidades, institutos de pesquisa, governo, entre outros - no propósito de, em determinado espaço território, congregar talento empreendedor, tecnologia, capital e conhecimento em ações inovadoras.

A partir da reflexão acerca do referencial teórico apresentado, foi possível propor o seguinte modelo teórico, representado na Figura 1.

Figura 1 – Modelo teórico criação de drivers de internacionalização em ecossistemas de inovação



Fonte: Elaborado pelos autores.

No modelo proposto pode-se observar uma *startup*, inserida em um ecossistema de inovação, acessando oportunidades presentes nesse mesmo sistema, que por sua vez geram *drivers* que viabilizam sua internacionalização.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do trabalho deve indicar o melhor caminho para conhecimentos válidos e verdadeiros, por meio da identificação de erros, do auxílio à tomada de decisões (HAIR *et al.*, 2005) e da observação às limitações práticas de tempo, custo e disponibilidade dos dados (ROESCH,

1999). Para responder o problema “Como um ecossistema de inovação em um país emergente oferece oportunidades para *Startups* desenvolverem os *drivers* necessários para sua internacionalização”, optou-se pela realização de uma pesquisa documental e exploratória, de caráter qualitativo e corte temporal transversal.

A pesquisa qualitativa fundamenta-se em análises caracterizadas pela não utilização de instrumentos estatísticos na análise dos dados e tem por base os conhecimentos teóricos e empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade (ZANELLA, 2009). Pelo exposto e, tendo em vista que as temáticas da internacionalização de *startups* e dos ecossistemas de inovação no Brasil são pouco exploradas, optou-se pela abordagem qualitativa e de caráter exploratório (GIL, 1991).

Como técnica de coleta de dados foi utilizada a análise documental, uma vez que, os documentos são fontes importantes de informação e conhecimento (GIL, 1991). Os documentos utilizados foram os artigos científicos acerca do ecossistema de inovação de Florianópolis; relatórios de órgãos públicos; informes em websites de incubadoras e aceleradoras; e trabalhos científicos de instituições de ensino superior e de centros de pesquisa e de demais organizações que trabalham em prol da internacionalização de *startups*.

A análise dos dados ocorreu conforme as etapas expostas por Triviños (2006): pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial. Diante disso, primeiramente foram agrupados os materiais supracitados, na sequência estruturou-se conforme as categorias de análise, a partir das quais os resultados foram descritos, analisados e interpretados.

A partir do ecossistema de inovação de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, identificaram-se os principais habitats de inovação, por meio da utilização do mapeamento realizado pela Via Estação Conhecimento² (TEIXEIRA; PIRES JUNIOR; MATOS, 2019). Além do referido mapeamento, também foram identificados demais atores e órgãos, além dos habitats de inovação, que promovem internacionalização de *startups*. A partir da identificação desses atores, foram realizadas buscas nos seus websites e materiais institucionais, de modo a localizar oportunidades e iniciativas em prol da internacionalização de *startups*.

4 SANTA CATARINA: ASPECTOS DA REGULAMENTAÇÃO

O Brasil, como país com um sistema nacional de inovação ainda em desenvolvimento, apresenta muitas desigualdades entre suas regiões. Sendo assim, os estados do Sudeste e Sul são os

² É uma organização formada por professores e alunos, e presta suporte para as atividades realizadas pelo Grupo de Pesquisa Habitats de Inovação e Empreendedorismo registrado no CNPq em 2015 e certificado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

mais bem posicionados no ranking nacional. No Estado de Santa Catarina, esforços têm sido realizados para desenvolver os municípios e fomentar condições regionais favoráveis à inovação. As ações são realizadas, de modo a ativar o ecossistema catarinense de inovação, por meio da integração dos seus diversos atores (TEIXEIRA *et al.*, 2016). Dentre as principais políticas desenvolvidas no estado, é possível identificar quatro eixos básicos de atuação, são eles:

- a) Expansão da infraestrutura para inovação: aumento da conexão, com expansão da fibra ótica e a implantação de treze Centros de Inovação espalhados pelo estado.
- b) Conhecimento e talentos: elaboração de programas como o Sinapse da Inovação³, Geração Tec⁴ e *Startup SC*⁵, além de formações e capacitações, principalmente com foco na propriedade intelectual.
- c) Atração de investimentos e capital: criada uma Agência especializada para atrair investimentos para o Estado de Santa Catarina – a INVESTE SC⁶.
- d) Redes de colaboração: formação de diversas redes, voltadas para criar uma maior interação entre os atores do ecossistema de inovação de Santa Catarina (TEIXEIRA, *et al.*, 2016).

No Quadro 1 são apresentadas as regulamentações vigentes no estado de Santa Catarina, com foco em inovação e que impactam os ecossistemas de inovação.

No Quadro 1 destaca-se a Lei de Inovação - Lei nº 14.328, de 15 de janeiro de 2008 (SANTA CATARINA, 2008), onde ficaram estabelecidos:

- a) O estímulo à inovação nas instituições científicas e tecnológicas do estado de Santa Catarina;
- b) A criação dos núcleos de inovação tecnológica (NITs) ;
- c) O estímulo à participação do pesquisador público e inventor independente na atividade de inovação;
- d) O estímulo à participação das empresas na inovação tecnológica de interesse do estado;
- e) A participação do estado em fundos de investimento em empresas inovadoras;
- f) O desenvolvimento de parques tecnológicos e incubadoras de empresas inovadoras e outros ambientes de inovação e;
- g) O fomento à ciência, tecnologia e inovação (SANTA CATARINA, 2008).

Quadro 1 – Regulamentações do sistema de inovação catarinenses em vigor

Ano	Regulamentação	Descrição
-----	----------------	-----------

³ <http://portal.sinapsedainovacao.com.br/>

⁴ <http://geracaotec.sc.gov.br/>

⁵ <https://www.startupsc.com.br/>

⁶ <http://www.investesc.com/>

2008	Lei Catarinense da Inovação - Lei nº 14.328, de 15 de janeiro de 2008	Apresenta incentivos à pesquisa científica e tecnológica e à inovação na produção realizada no Estado de Santa Catarina.
2009	Decreto nº 2.372, de 09 de junho de 2009	Regulamenta a Lei nº 14.328, de 15 de janeiro de 2008.
2010	Política Catarinense de Ciência, Tecnologia e Inovação	Expõe um direcionamento estratégico de governo, de instituições de ensino, pesquisa e extensão e de agentes econômicos e sociais, para o avanço do conhecimento, o desenvolvimento de novas tecnologias, a concepção, o desenvolvimento e a incorporação de inovações que contribuam para melhorar as condições de vida da população catarinense.

Fonte: Adaptado de Teixeira *et al.* (2016).

Nesse cenário, o estado catarinense apoia também uma série de instituições, que com suas atividades contribui para construir e desenvolver espaço de tecnologia e inovação na região. Entre as organizações mais importantes, temos as Secretarias Municipais responsáveis pela área de Ciência, Tecnologia e Inovação; a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁷, a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)⁸; a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S/A (EPAGRI)⁹; as instituições de educação superior com atuação em ciência, tecnologia e inovação; as incubadoras de empresas inovadoras; os parques tecnológicos e as empresas com atividades significativas no campo da inovação (TEIXEIRA, *et al.*, 2016).

Seguindo a mesma tendência estadual, a capital do estado, Florianópolis, passou a se posicionar em âmbito nacional, como lócus de inovação, sendo reconhecida por possuir habitats de inovação que reúnem diferentes atores, organizações e instituições, na esfera privada, governamental e sociedade civil, para este propósito (ANDION; ALPERSTEDT; GRAEFF, 2019). Com 574.200 habitantes, Florianópolis caracteriza-se como uma cidade estratégica para o empreendedorismo, em virtude do seu capital humano, condições socioeconômicas e menor custo de vida se comparada a São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Além disso, regulamentações realizadas na legislação municipal, em 2017, incentivam novos fomentos na área da ciência, tecnologia e inovação (DE AZEVEDO; TEIXEIRA, 2017).

Considerando o histórico do ecossistema de inovação em questão, pode-se definir seu início em 1960 com a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, que veio a se tornar uma das melhores instituições de ensino do país, inclusive com relação à produção de inovação e conexão com outros atores desenvolvedores de tecnologias. Duas décadas depois, em 1984, foi criado o Centro Regional de Tecnologia em Informática (CERTI), no Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, com o objetivo de auxiliar empresas a desenvolver produtos de alta tecnologia. Mais tarde, a instituição foi renomeada para Fundação Centros de Referência em

⁷ <https://www.ufsc.br/>

⁸ <https://www.udesc.br/>

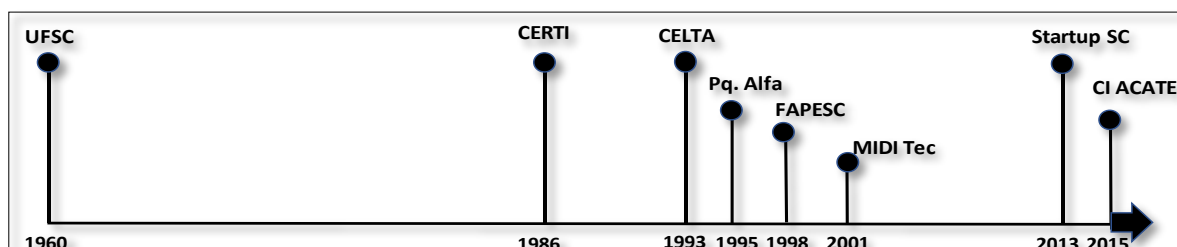
⁹ <https://www.epagri.sc.gov.br/>

Tecnologias Inovadoras – Fundação CERTI. Em 1986, deu-se início a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE)¹⁰ que atua em prol do desenvolvimento das empresas de tecnologia do Estado, vindo a se consolidar como uma das principais interlocutoras das empresas de tecnologia junto aos poderes públicos (DE AZEVEDO; TEIXEIRA, 2017).

Ainda de acordo com estes autores, em 1986 foi fundada a primeira incubadora de base tecnológica do Brasil - Incubadora Empresarial Tecnológica (IET), a qual é atualmente conhecida como Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA)¹¹. Em 1993 foi inaugurado o Parque Tecnológico Alfa, composto por mais de 70 empresas de tecnologia. Em 1995 criou-se a FUNCITEC (Fundação de Ciência e Tecnologia), conhecida nos dias de hoje como Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC)¹². Três anos depois foi criada a incubadora Micro Distrito Industrial Tecnológico (MIDI Tecnológico)¹³, a partir de iniciativa entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (SEBRAE/SC)¹⁴ (sua instituição mantenedora), a Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) (sua entidade gestora), a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), e o Sindicato da Indústria da Informática do Estado de Santa Catarina (SIESC)¹⁵.

A Figura 2 representa graficamente o histórico do ecossistema de inovação de Florianópolis.

Figura 2 – Linha do tempo da fundação dos primeiros atores do Ecossistema de Inovação de Florianópolis - SC.



Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados da pesquisa (2020).

O projeto do Sapiens Parque¹⁶ iniciou no ano de 2001, com atuação nos setores da ciência, tecnologia, meio ambiente e turismo. O Sapiens é um parque de inovação criado com o propósito de promover o desenvolvimento de segmentos econômicos da região da Grande Florianópolis, considerando também sua região metropolitana. Em 2013 foi lançado o Programa *Startup SC*,

¹⁰ <https://www.acate.com.br/>

¹¹ <http://www.celta.org.br/contato.php>

¹² <http://www.fapesc.sc.gov.br/>

¹³ <http://miditecnologico.com.br/>

¹⁴ <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc?codUf=25>

¹⁵ <http://www.siesc.org.br/>

¹⁶ <http://www.sapiensparque.com.br/>

organizado pelo SEBRAE/SC, desencadeando diversas atividades na cidade. O programa objetiva fomentar o desenvolvimento de produtos e serviços com emprego de tecnologias inovadoras, sendo responsável pela idealização do *Startup Weekend*¹⁷ e outros eventos realizados em Florianópolis. Dois anos depois foi inaugurado o Centro de Inovação da ACATE¹⁸, que fornece infraestrutura para outros habitats de inovação, como aceleradoras e *coworking*, a incubadora MIDI e sua pré-incubadora (DE AZEVEDO; TEIXEIRA, 2017).

5 HABITATS DE INOVAÇÃO DO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS

Os ecossistemas de inovação são compostos por habitats de inovação que interagem em rede, gerando riquezas e vantagens compartilhadas. Atualmente, existem importantes atores institucionais e de governo no ecossistema de inovação de Santa Catarina participando desses espaços. Os atores catarinenses de inovação encontram-se de forma mais densa em Florianópolis. Na capital, existe a presença de importantes e premiados habitats de inovação, compostos por atores engajados em promover a inovação, tecnologia e o empreendedorismo, como os citados previamente no presente trabalho. São os atores constituintes do ecossistema, que geram ou promovem as oportunidades de geração de *drivers* de internacionalização para as *startups*, portanto é importante conhecer suas características principais. O mapa da Via Estação Conhecimento¹⁹ representado na Figura 3 ilustra a profusão de atores presentes na cidade de Florianópolis.

Entre os atores representados na Figura 3, estão:

- a) Atores de Conhecimento: instituições de ensino superior, grupos de pesquisa e laboratórios e serviços de apoio;
- b) Atores de fomento de recursos financeiros;
- c) Atores institucionais;
- d) Atores públicos: Prefeitura, Secretarias, Governo do Estado, Secretaria do estado e superintendência;
- e) Atores empresariais: Empresas e Empresas juniores;
- f) Habitats de inovação: *Coworkings*, Incubadoras, Centros de Inovação, Aceleradora, Parques tecnológicos e *Living labs*.

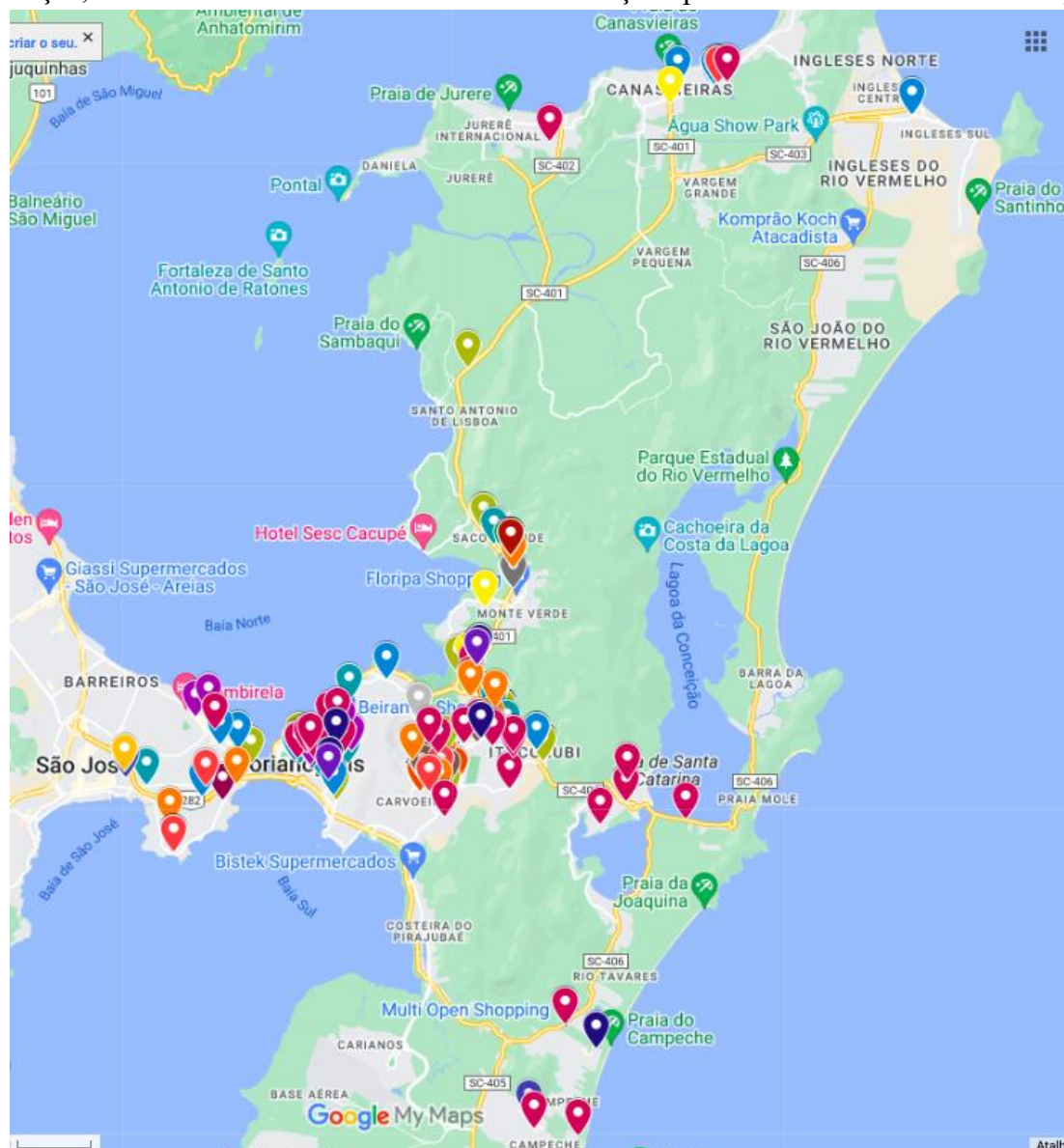
Com base no mapeamento realizado pela Via Estação Conhecimento (TEIXEIRA; PIRES JUNIOR; MATOS, 2019) identificou-se 70 diferentes habitats de inovação. Além dos habitats de

¹⁷ <https://www.startupsc.com.br/startup-weekend/>

¹⁸ <https://www.acate.com.br/noticias/centro-de-inovacao-acate-downtown-inaugura-com-bate-papo-sobre-os-novos-ambientes-de-inovacao-em-tempos-de-transformacao-digital/>

¹⁹ <http://via.ufsc.br/>




inovação, também foram identificadas outras instituições promotoras de internacionalização do



ecossistema de Florianópolis. Entre elas, está o SEBRAE de Santa Catarina, que coordena o programa *Startup SC*²⁰, a ACATE, que coordena diversos programas e centros de inovação e organizações de intercâmbio que recrutam intercambistas estrangeiros para auxiliarem no processo de internacionalização de *startups*, como a AIESEC e a INTERN-Brasil.

Os habitats de inovação, bem como as instituições que oferecem oportunidades para as *startups* desenvolverem os drivers para a internacionalização serão citados a seguir. Só serão apresentados aqueles para os quais foram encontrados programas, projetos e divulgação de oportunidade para a internacionalização de *startups*.

Figura 3 – Mapa dos principais atores do ecossistema de inovação de Florianópolis - SC

 Cursos de Pós-Graduação	 Ent. de Representação e Apoio	 Maker
---	---	---

²⁰ <https://www.startupsc.com.br/>



Fonte: Via Estação Conhecimento (2023)²¹

No Quadro 2 são apresentadas as unidades de cada tipo de habitat, segundo nomenclatura de Teixeira, Pires Junior e Matos (2019). Para cada um desses habitats de inovação, foi realizada uma busca em websites e materiais institucionais, com a finalidade de encontrar oportunidades e incentivos à internacionalização de *startups*.

Quadro 2 – Quantidades de habitats de inovação por tipo

Habitat de inovação	Quantidade	Participação
Coworkings	32	44,45%
Ambientes makers (makerspace, fab lab e hackerspace)	7	9,72%
Núcleos de inovação tecnologica	6	8,33%
Instituições de fomentos	6	8,33%
Centros de inovação	6	8,33%
Aceleradoras	4	5,55%
Espaços do setor público	3	4,17%
Ambientes propícios para experimentação	2	2,78%
Parques tecnológicos	2	2,78%
Incubadoras	2	2,78%
Pré-incubadoras	1	1,39%
Hub de inovação	1	1,39%
Total	72	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Teixeira, Pires Junior e Matos (2019).

ACATE

A Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) de Santa Catarina representa empresas empreendedoras do setor tecnológico. Atualmente são mais de 1200 associados nos 13 polos de

²¹ <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=17cOPXoRc7n2C429KkxuOxz-JAM0&ll=-27.550023404063158%2C-48.53068238172345&z=12>

inovação e tecnologia de Santa Catarina, sendo muitos deles *startups*. Além do papel de representante, a ACATE também coordena uma rede de Centros de Inovação em Florianópolis composta pelo Centro de Inovação ACATE Primavera, na SC-401, parte integrante da “Rota da Inovação”²², pelo CIA *Downtown*, no centro da cidade, e pelo CIA Sapiens, localizado no parque tecnológico Sapiens Parque, no Norte da Ilha.

A associação oferece o Programa ACATE *Startups*, para pequenas empresas de base tecnológica, que faturaram até R\$ 1 milhão no ano anterior ao ingresso no programa e CNPJ criado há no máximo três anos. O programa oferece um pacote de serviços e benefícios, a promoção de *networking* com outras empresas e instituições e a participação nos demais programas da organização, entre eles o programa de internacionalização, chamado Programa ACATE Internacional. Esse programa tem por objetivo chamar a atenção das empresas para o mercado externo e auxiliá-las no processo para se tornarem globais (ACATE, 2023b).

A organização conta ainda com um escritório em Boston (EUA), inaugurado em 2018, em parceria com a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF) e que está localizado em um espaço chamado Floripa *Business Hub*. Usando esse escritório como base, a associação busca formalizar parcerias com importantes atores e organiza missões internacionais para os EUA. Missões para demais países também já foram realizadas, como para a Itália em 2018. Além dessas iniciativas, a ACATE conta com embaixadores, empresários que atuam como mentores e facilitadores em encontros, para capacitar os empreendedores de *startups* para as suas empreitadas internacionais (FLORIPA BUSINESS HUB, 2023).

SEBRAE SC

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas (SEBRAE) de Santa Catarina conta com um vasto programa denominado *STARTUP SC*. O *STARTUP SC* faz parte das iniciativas do SEBRAE SC com objetivo de desenvolver e promover empreendimentos inovadores no estado, fortalecendo as *startups* por meio da profissionalização da gestão, com ações de capacitação, inovação e mercado. Com relação ao incentivo à internacionalização, o programa apresenta ações como missões internacionais e promoção de eventos para disseminar conhecimento nessa área, para *startups* do estado, notadamente para Florianópolis. Para o ano de 2023 está planejado que o projeto formará turmas de capacitação em diversas cidades de Santa Catarina e realizará 36 edições de um evento chamado de *Startup Weekend* (STARTUP SC, 2023).

²² <https://centrosapiens.com.br/circuito-da-inovacao/>

Algumas das missões internacionais realizadas anteriormente foram: Missão em Portugal (2019) para o maior evento de tecnologia europeu, o *Web Summit*, em Lisboa. O grupo contava com empresas de Joinville, Blumenau e Florianópolis, que já contavam com ideias de internacionalização com alguma maturidade. As empresas de Florianópolis presentes foram: Compass; Mobiliza; Moblee; Colecao.moda; Prevision; Reviewr; Smart Tour; WiFeed. Os empreendedores acompanharam sessões relacionadas às oportunidades de internacionalização para *startups*, especialmente no ecossistema de Portugal. E Missão no vale do silício, EUA (2019), com o objetivo de fortalecer o ecossistema catarinense através do fomento ao empreendedorismo. Participaram empresas de Florianópolis (20); Blumenau (10), Joinville (10) e Chapecó (10).

CELTA

O Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA) é uma incubadora de empresas fundada em 1986, em Florianópolis, pela Fundação Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI). O CELTA é especializado em empresas nascentes de base tecnológica, mantendo atualmente 43 empresas *incubadas*, para as quais fornece estrutura física e serviços diversificados. Para a internacionalização, desde a seleção, o CELTA busca identificar nas empresas a orientação para a internacionalização. O CELTA possui um programa chamado Global Opportunities for Innovation. O programa tem como missão mapear as necessidades das empresas para internacionalizar, promover ações e propor soluções que aumentem a participação no mercado internacional. Algumas das ações e práticas realizadas pela incubadora são: cursos e capacitações, participações em missões e feiras internacionais, divulgação das *startups* incubadas em associações internacionais; convênios para qualificação internacional com instituições internacionais e participação em programas de internacionalização de entidades nacionais como a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX Brasil) (CELTA, 2023).

MIDITEC

A incubadora MIDITEC foi fundada em 1998, pela ACATE, em parceria com o SEBRAE/SC. A MIDITEC atende *startups* com produtos, processos ou serviços criados a partir de resultados de pesquisas científicas aplicadas, com alto valor em tecnologia e inovação. A instituição já recebeu diversos prêmios da ANPROTEC, como melhor incubadora do Brasil para desenvolvimento local e regional; melhor incubadora do Brasil para promoção da cultura do

empreendedorismo; e melhor incubadora do Brasil para a geração e uso intensivo de tecnologias. Além disso, é a única incubadora de Santa Catarina a receber um prêmio internacional, o Prêmio UBI Global, em estudo de Referência Mundial de Incubadoras e Aceleradoras de Negócios, em 2018 e em 2020. Como a MIDITEC é a incubadora da ACATE, ela participa dos seus projetos e programas de internacionalização, além de buscar suas próprias parcerias, com entidades de países como Estônia, Suíça e Estados Unidos (MIDITEC, 2023).

IMPACT HUB Floripa Primavera

O IMPACT HUB Floripa Primavera faz parte de uma rede internacional de *coworkings*, oferecendo espaço físico e alguns serviços compartilhados para diversas empresas, tendo mais de 850 membros em Florianópolis. Como o IMPACT HUB é uma comunidade global, a organização facilita o encontro entre empresas e entidades, propiciando o *networking* internacional. Até 2023 foram realizados mais de 50.000 eventos e interação com mais de 200 parceiros. Também são realizados alguns eventos que potencializam essa interação, como o Festival Global de Inovação Social em 2019, que contou com palestras, workshops e painéis com personalidades internacionais (IMPACT HUB FLORIPA, 2023).

SINOVA – UFSC

A SINOVA é o setor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) responsável pela promoção da Inovação e empreendedorismo, por meio de parcerias e interações com diversos atores. Criado em 1981 sob o nome de Núcleo de Inovação Tecnológica, atualmente a SINOVA é um Departamento de Inovação vinculado à Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação. Com relação à internacionalização de empresas de Florianópolis, a SINOVA atua mais com a divulgação e promoção de oportunidades de outras entidades. Como por exemplo, divulgação realizada para o programa “Cooperação Internacional em Inovação”, da Secretaria de Inovação e Novos Negócios do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), para empresas interessadas em desenvolver projetos com Israel, França e Alemanha. Além disso, busca estreitar relações com entidades internacionais que podem vir a gerar oportunidades para o ecossistema Florianopolitano (SINOVA, 2023).

CERTI

A Fundação Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI) é uma instituição independente e sem fins lucrativos com foco em pesquisa, desenvolvimento e serviços tecnológicos, localizada no campus da UFSC em Florianópolis. Fundada em 1984, a fundação é especializada em proporcionar soluções inovadoras para a iniciativa privada, governo e terceiro setor. Para a internacionalização de *startups*, a CERTI atua principalmente por meio da incubadora Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA), fundada por ela e com a divulgação de oportunidades e conquistas de *startups* de Santa Catarina, no mercado internacional.

INSEED Investimentos

A INSEED é uma agência de fomento, com 15 anos de experiência, focada em empresas de base tecnológica nas suas fases iniciais, oferecendo recursos financeiros para incentivar o empreendedorismo. A instituição tem um programa chamado Criatec 3, com oportunidades para empresas que buscam apoio financeiro para obter crescimento acelerado. O programa atende empresas brasileiras com alto potencial de crescimento, que desenvolvam tecnologias inovadoras e que tenham tido faturamento líquido anual de até R\$ 12 milhões no ano anterior à aprovação do investimento pelo fundo. Uma das possibilidades de utilização dos recursos investidos é financiar o processo de internacionalização dessas *startups*.

No Quadro 3 é apresentado o resumo das oportunidades localizadas para o desenvolvimento de *drivers* de internacionalização do ecossistema de inovação de Florianópolis.

Quadro 3 – Resumo dos atores e oportunidades geradas por eles no ecossistema de inovação de Florianópolis (SC)

Tipo da organização	Nome da organização	Oportunidades de geração de <i>drivers</i> internacionalização
Incubadoras	> CELTA > MIDTEC	As duas incubadoras atuam na internacionalização durante o processo de incubação, com capacitações e mentorias acerca do tema, além de realizarem missões internacionais.
Agência de Fomento	> INSEED	Investimento de recursos financeiros em projetos de internacionalização.
IES	> Sinova - UFSC	Divulgação de oportunidades e estreitamento de laços com entidades estrangeiras que podem gerar benefícios para o ecossistema local.
Associação	> ACATE	Diversas ações por meio dos seus centros de inovação e incubadora. Realiza missões internacionais, formaliza parcerias com entidades estrangeiras e conta com um escritório nos EUA.
Coworking	> Impact HUB	Geração de <i>networking</i> com organizações internacionais.
Fundação	> CERTI	Divulgação de oportunidades internacionais e por meio de sua incubadora, CELTA.

Agência de recrutamento internacional	> AIESEC > INTERN-Brasil	Recrutamento de estagiários estrangeiros para auxiliar no processo de internacionalização.
Entidade Privada	> SEBRAE/SC	Por meio do programa <i>Startup SC</i> com realização de eventos, capacitações e missões internacionais.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa (2020).

AIESEC

A Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais (AIESEC) é uma organização sem fins lucrativos, gerida por jovens - em sua maioria estudantes universitários, que promove intercâmbio cultural de pessoas entre 18 e 30 anos. Criada em 1948, está presente em aproximadamente 120 países e realiza mais de 6000 intercâmbios por ano no Brasil, em parceria com mais de 100 organizações. Um dos programas que a instituição oferece é o Empreendedor Global, experiência profissional de imersão em *Startups*, por 6 a 12 semanas. A AIESEC recruta jovens brasileiros para irem para o exterior, bem como, jovens estrangeiros que vem ao Brasil para realizar estágios em empresas de base tecnológica brasileiras. O intercambista propicia um novo olhar sobre o negócio, promove a troca de experiências e culturas, podendo auxiliar em projetos de expansão ou internacionalização.

INTERN-Brasil

A INTER-Brasil é uma agência de recrutamento internacional, que trabalha captando e contratando estagiários de vários países do mundo, para atuar em empresas brasileiras. A empresa se responsabiliza por todas as questões burocráticas desde visto, documentação, acompanhamento, suporte, repasse da bolsa auxílio e seguro. Buscando a internacionalização, as empresas brasileiras podem contratar estagiários estrangeiros, para realizar pesquisa de mercado internacional e para realizar inovação de produtos e processos voltados para o mercado global.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou contribuir com estudo acerca de ecossistema de inovação em um país emergente que oferece oportunidades para *startups* desenvolverem os *drivers* necessários para sua internacionalização. Para alcançar tal propósito, realizou-se uma pesquisa documental em referências bibliográficas, relatórios, mapeamentos e websites, de modo a identificar as iniciativas para o desenvolvimento internacional das *startups* em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina.

Foram identificadas dez organizações, pertencentes ao ecossistema de inovação de Florianópolis, que trabalham promovendo *drivers* de internacionalização em *startups* da cidade, são elas: CELTA; MIDTEC; INSEED; SINOVA – UFSC; ACATE; IMPACT HUB; CERTI; AIESEC; INTERN-BRASIL e SEBRAE/SC. Dentre as principais ações promovidas estão: realização de missões internacionais; congressos, reuniões e palestras e eventos em geral com temáticas de internacionalização, voltadas para o público de empreendedores de *startups*; treinamentos e capacitações acerca do tema; geração de *networking* internacional para as empresas; fomento com recursos financeiros a projetos de internacionalização e recrutamento de estagiários estrangeiros para auxiliar em projetos de internacionalização e expansão internacional.

Como elucidado ao longo da explanação, a quantidade de iniciativas ainda é pequena e concentrada nas principais organizações que fomentam a inovação no Estado, como SEBRAE e ACATE. No entanto, já demonstram uma preocupação e vocação do ecossistema Florianopolitano em auxiliar as *startups* em se internacionalizarem. Pesquisas futuras podem buscar compreender como essas iniciativas, de fato, contribuíram para tentativas das *startups* de internacionalização. Além disso, torna-se importante identificar quais são as *startups* desse ecossistema que obtiveram maior sucesso no mercado internacional e como esses atores contribuíram para este resultado.

REFERÊNCIAS

ACATE. *Tech Report 2021: Panorama do Setor de Tecnologia Catarinense*. Florianópolis - SC: [s.n.]. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1q-AcEvDxJdBOQwgTt7eUCXnPbI4xotdl/view>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

ACATE. *O que é a ACATE?* Disponível em: <<https://www.acate.com.br/blog-da-acate/o-que-e-a-acate/>> Acesso em: Jan. 2023a.

ACATE. *ACATE Startups*. Disponível em: <<https://www.acate.com.br/programas/acate-startups/>> Acesso em: Jan. 2023b.

ANDION, C.; ALPERSTEDT, G. D.; GRAEFF, J. F. Ecossistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. *Revista de Administração Pública*, 2019.

ARRUDA, C., NOGUEIRA, V.S., COZZI, A., COSTA, V. The Brazilian Entrepreneurial Ecosystem of Startups: An Analysis of Entrepreneurship Determinants in Brazil and the Perceptions Around the Brazilian Regulatory Framework. In: Lèbre La Rovere, R., de Magalhães Ozório, L., de Jesus Melo, L. (eds) *Entrepreneurship in BRICS*. Springer, 2015.

AZEVEDO, P. *A interação UFSC e Petrobras para o desenvolvimento inovativo sob a óptica institucionalista-evolucionária*. 508 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa

Catarina, Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCAD0974-T.pdf>.

CAHEN, F. R.; LAHIRI, S.; BORINI, F. M. Managerial perceptions of barriers to internationalization: An examination of Brazil's new technology-based firms. *Journal of Business Research*, v. 69, n. 6, p. 1973–1979, 2016.

CARAYANNIS, E. G.; CAMPBELL, D. F. J. Mode 3' and 'Quadruple Helix': toward a 21st century fractal innovation ecosystem. *Int. J. Technology Management*, Vol. 46, Nos. 3/4, p. 201-234, 2009.

CASTANO, M. S., MENDEZ, M. T., & GALINDO, M. A. Innovation, Internationalization and Business-Growth Expectations among Entrepreneurs in the Services Sector. *Journal of Business Research*, 69, 1690-1695, 2016.

CELTA. CELTA: A incubadora da Fundação CERTI. Disponível em: <<https://celta.certi.org.br/>>. Acesso em: Jan. 2023.

CHAMELIAN, R. E. H. Applying a Marketing Approach to the Internationalization of a Technology SME: The Case of a French SaaS Vendor. *Services Marketing Quarterly*, v. 37, n. 4, p. 255–271, 2016. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84995603659&doi=10.1080%2F15332969.2016.1217683&partnerID=40&md5=baabaa507d1e47d0e7f44c54a18940b8>>. Acesso em: Fev. 2020.

CIVERA, A.; MEOLI, M.; VISMARA, S. Do academic spinoffs internationalize? *Journal of Technology Transfer*, Cited By :3Export Date: 3 February 2020, v. 44, n. 2, p. 381–403, 2019. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85049676848&doi=10.1007%2Fs10961-018-9683-3&partnerID=40&md5=19f03e3bc519da90e7c36ce910c9561f>>.

CONCEIÇÃO NETO, A. A. *et al.* Inovação em Santa Catarina: uma análise dos atores do ecossistema de inovação. In: *3º Congresso Nacional de Inovação e Tecnologia - INOVA*, 2018. Disponível em: <<https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/09/Inova%C3%A7%C3%A3o-em-Santa-Catarina.pdf>>. Acesso em: Mar. 2020.

DE AZEVEDO, I. S. C.; TEIXEIRA, C. S. Florianópolis: uma análise evolutiva do desenvolvimento inovador da cidade a partir do seu ecossistema de inovação. *REAVI-Revista Eletrônica do Alto Vale do Itajaí*, v. 6, n. 9, p. 108–120, 2017.

DEBRULLE, J.; MAES, J. Start-ups' Internationalization: The Impact of Business Owners' Management Experience, Start-up Experience and Professional Network on Export Intensity. *European Management Review (EMR)*. Sep,2015 V. 12, n 3, p. 171-187, 2015.

DELL'ANNO, D.; EVANGELISTA, F.; DEL GIUDICE, M. Internationalization of Science-Based Start-Ups: Opportunity or Requirement? *Journal of the Knowledge Economy*, v. 9, n. 2, p. 649–664, 2018.

DO COUTO SANTOS, E. C. Papel do Estado para o desenvolvimento do SNI: lições das economias avançadas e de industrialização recente. *Economia e Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 433–464, 2014.

DUBINA, I.; CAMPBELL, D. F. J.; CARAYANNIS, E.; CHUB, A.; GRIGOROUDIS, E.; KOZHEVINA, O. V. The Balanced Development of the Spatial Innovation and Entrepreneurial Ecosystem Based on Principles of the Systems Compromise: A Conceptual Framework. *Journal of the Knowledge Economy*, June, 2017.

EDQUIST, C. Systems of innovation perspectives and challenges. *African Journal of Science, Technology, Innovation and Development*, v. 2, n. 3, p. 14–45, 2010.

EFRAT, K.; GILBOA, S.; YONATANY, M., 2017. When marketing and innovation interact: The case of born-global firms. *International Business Review*, Elsevier, vol. 26(2), pages 380-390.

FERGUSON, S. M.; HENREKSON, M.; JOHANNESSEN, L. Getting the Facts Right on Born Globals. IFN Working Paper N. 1210, 2019. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3172752>>. Acesso em: Mar. 2020.

FLORIPABUSINESSHUB. Disponível em: <<http://www.floripabusinesshub.com.br/pt/>>. Acesso em: Fev. 2023.

GALIMBERTI, M. F.; WAZLAWICK, R. S. Success factors for active internationalisation of small and medium-sized software enterprises: Case analyses from France and Brazil. *International Journal of Management and Enterprise Development*, v. 15, n. 4, p. 259–281, 2016. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84994108063&doi=10.1504%2FIJMED.2016.079850&partnerID=40&md5=2d2f757501a113ef618e9d2e56f4859b>>. Acesso em: Mar. 2020.

GARCIA, R. *et al.* Perfil espacial das interações Universidade-Empresa e papel da localidade do grupo de pesquisa. *Revista Economia & Tecnologia*, v. 10, n. 1, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006. GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

HAIR, J. *et al.* *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. [S.l.]: Bookman Companhia Ed, 2005.

IMPACT HUB FLORIPA. *Nossa comunidade*. Disponível em: <https://floripa.impacthub.net/nossa-comunidade/>. Acesso em: Jan.2023.

KOSLOSKY, M. A. N. ; SPERONI, R. M.; GAUTHIER, F. A. O. Ecossistemas de inovação? Uma revisão sistemática da literatura. *Espacios (Caracas)*, v. 36, p. 13, 2015.

KUIVALAINEN, O.; SAARENKETO, S.; PUUMALAINEN, K. Start-up patterns of internationalization: A framework and its application in the context of knowledge-intensive SMEs. *European Management Journal*, Elsevier, vol. 30(4), pages 372-385, 2012.

KRUSS, G.; VISSER, M. Putting university–industry interaction into perspective: a differentiated view from inside South African universities. *Journal of Technology Transfer*, v. 42, n. 4, p. 884–908, 2017.

JØRGENSEN, E. J. B.; NILSEN, E. 2015. Development of Internationalisation in a Capability perspective: Norwegian SMEs in Russia. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*. 26(3):332-351, January, 2015.

LARIOS HERNANDEZ, G. J. Patterns in international ICT entrepreneurship: Mexico's case . *Academia Revista Latinoamericana de Administracion*, v. 31, n. 4, p. 633–650, 2018. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85053274263&doi=10.1108%2FARLA-12-2016-0327&partnerID=40&md5=8eb14f18b3dd849f803f3755d0230cfc>>. Acesso em: Mar. 2020.

LAURELL, H.; ACHTENHAGEN, L.; ANDERSSON, S. The changing role of network ties and critical capabilities in an international new venture's early development. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 13, n. 1, p. 113–140, 2017. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84968627105&doi=10.1007%2Fs11365-016-0398-3&partnerID=40&md5=3fc5aa4611079db2c919edee809e8092>>. Acesso em: Mar. 2020.

LEMOES, D. DA C.; CARIO, S. A. F.; DE MELO, P. A. University-industry interaction process in Santa Catarina for innovative development: the case of UFSC, FURB, UDESC and UNIVALI/Processo de interacao universidade-empresa em Santa Catarina para o desenvolvimento inovativo: o caso da UFSC, FURB, UDESC e UN. *Revista de Ciencias da Administração*, p. 37, 2015.

LÖFGREN, A. Potential international competitiveness and co-innovation of technology-based international SMEs. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management*, v. 22, n. 6, p. 597–614, 2018. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85054490305&doi=10.1504%2FIJEIM.2018.095044&partnerID=40&md5=02375cab3a3d381116a63040905bfd85>>. Acesso em: Mar. 2020.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. [S.l.]: Bookman Editora, 2012.

MARTIN, S. L.; JAVALGI, R. G.; CAVUSGIL, E. Marketing capabilities, positional advantage, and performance of born global firms: Contingent effect of ambidextrous innovation. *International Business Review*, Elsevier, vol. 26(3), p. 527-543, 2017.

MARTINEZ-GOMEZ, V.; BAVIERA-PUIG, A; MAS-VERDÚ , F. Innovation policy, services and internationalisation: the role of technology centres,. *The Service Industries Journal*, 30:1, 43-54, 2010.

MIDITEC. Disponível em: <<https://sc.acate.com.br/miditec>> . Acesso em: Jan. 2023.

NELSON, R. R.; NELSON, K. Technology, institutions, and innovation systems. *Research policy*, v. 31, n. 2, p. 265–272, 2002.

NEMKOVA, E. The impact of agility on the market performance of born-global firms: An exploratory study of the 'Tech City' innovation cluster. *Journal of Business Research*, vol. 80, issue C, 257-265, 2017.

NEUBERT, M.; VAN DER KROGT, A. Early and Fast Internationalisation of High-tech Start-up Firms. *Innovation Management, Entrepreneurship and Sustainability (IMES 2017): Proceedings of the 5th International Conference on Innovation Management, Entrepreneurship and Sustainability (IMES 2017)*. Czech Republic: Vysoká škola ekonomická v Praze, 2017. p. 664–674. Disponível em: <<https://www.ceeol.com/search/chapter-detail?id=544976>>. Acesso em: Mar. 2020.

NIOSI, J. National systems of innovations are “x-efficient”(and x-effective): Why some are slow learners. *Research policy*, v. 31, n. 2, p. 291–302, 2002.

PEREIRA, A. J.; DATHEIN, R. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: a “co-evolução das tecnologias físicas e sociais” como fonte de desenvolvimento econômico. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 11, n. 1, p. 137–166, 2012.

PINHO, J. C.; PRANGE, C., 2016. The effect of social networks and dynamic internationalization capabilities on international performance. *Journal of World Business*, Elsevier, vol. 51(3), p. 391–403, 2016.

ROESCH, S. M. A. Projetos de estágio e de pesquisa em administração. *São Paulo: Atlas*, v. 2, 1999.

SAAD, M.; ZAWDIE, G. *Theory and practice of triple helix model in developing countries: Issues and challenges*. [S.l.]: Taylor & Francis, v. 16, 2011.

SANTA CATARINA. *Lei de Inovação*. Disponível em: <http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2008/14328_2008_lei.html#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.328%2C%20de%2015%20de%20janeiro%20de%202008&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20incentivos%20%C3%A0%20pesquisa,Catarina%20e%20adota%20outras%20provid%C3%Aancia s.> . Acesso em: Dez. 2022

SARMENTO, C. F. B.; DE CARVALHO, C. A. S.; DIB, L. A. DA R. Effectuation and the influence of social networks on the internationalization of accelerated *startups*/ Effectuation e a influencia das redes sociais em internacionalizacao de *startups* em aceleradoras. *InternexT: Revista Eletronica de Negocios Internacionais da ESPM*, v. 11, n. 1, p. 63, 2016.

SEKLIUCKIENE, J.; JAROSINSKI, M.; KOZMA, M. Entrepreneurial level factors of early internationalization: A cross country comparison. *Engineering Economics*, v. 30, n. 2, p. 223–235, 2019. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85067125304&doi=10.5755%2Fj01.ee.30.2.21185&partnerID=40&md5=b6ae03f68ff8d8252b26dc94f2cb01df>>. Acesso em: Mar. 2022.

SINOVA. Institucional. Disponível em: < <https://sinova.ufsc.br/departamento/institucional/>>. Acesso em: Jan,=. 2023.

STARTUP SC. Disponível em: < <https://www.startupsc.com.br/>>. Acesso em: Mar. 2022.

STAYTON, J.; MANGEMATIN, V. *Startup* time, innovation and organizational emergence: A study of USA-based international technology ventures. *Journal of International Entrepreneurship*, v. 14, n. 3, p. 373–409, 2016. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84978722248&doi=10.1007%2Fs10843->

016-0183-y&partnerID=40&md5=9bf7a3aa558a7e32df9c05ebe7648907>. Acesso em: Mar. 2020.

STUCKI, T. How the founders' general and specific human capital drives export activities of start-ups. *Research Policy*, v. 45, n. 5, p. 1014–1030, 2016. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84960325883&doi=10.1016%2Fj.respol.2016.02.010&partnerID=40&md5=4852fd2632a6881e40f862872f8adb57>>. Acesso em: Mar. 2020.

SUZIGAN, W.; ALBUQUERQUE, E. DA M. *A interação entre universidades e empresas em perspectiva histórica no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.

SYMEONIDOU, N.; BRUNEEL, J.; AUTIO, E. Commercialization strategy and internationalization outcomes in technology-based new ventures. *Journal of Business Venturing*, v. 32, n. 3, p. 302–317, 2017.

TEIXEIRA, C S et al. *Estratégias catarinenses para a inovação*. ANPROTEC, 2016. Disponível em: <<https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/10/Estrat%C3%A9gias-Catarinenses-para-a-Inova%C3%A7%C3%A3o.pdf>>, Acesso em: Fev. 2020.

TEIXEIRA, C. S.; PIRES JUNIOR, P. R.; MATOS, G. P. DE. *Habitats de Inovação de Florianópolis: Os ambientes que transformam o ecossistema de inovação e empreendedorismo*. São Paulo, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2006.

TURCAN, R. V.; JUHO, A. Have we made it? Investigating value-creating strategies in early internationalizing ventures. *Competitiveness review*, 26 (5), 517-536, 2016.

VAN SCHIJNDEL, L. TCKF-Connect: A cross-disciplinary conceptual framework to investigate internationalization within the context of entrepreneurial ecosystems. *Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity*, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85066497092&doi=10.3390%2Fjoitmc5020028&partnerID=40&md5=d0312a64e12f2356a1d2be159ef03029>>. Acesso em: Abr. 2020.

VARMA, S.; NAYYAR, R.; BANSAL, V. What Drives Precocity? A Study of Indian Technology-Intensive Firms. *Journal of East-West Business*, v. 22, n. 4, p. 242–269, 2016. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84988490355&doi=10.1080%2F10669868.2016.1217724&partnerID=40&md5=29004ce9224c654bdf27d09639e34163>>. Acesso em: Mar. 2022.

VELT, H.; TORKKELI, L.; SAARENKETO, S. The entrepreneurial ecosystem and born globals: the Estonian context. *Journal of Enterprising Communities*, v. 12, n. 2, p. 117–138, 2018. Disponível em: <<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85047373307&doi=10.1108%2FJEC-08-2017-0056&partnerID=40&md5=976590723324cdc935e6d4279567fab>>. Acesso em: Fev. 2020.

ZANELLA, L. C. H. Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. *Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC*, 2009.

ZIVLAK, N., LJUBICIC, M., XU, M., DEMKO-RIHTER, J., LALIC, B. Learning by internationalization: positive effects on innovation in chinese companies. *Tehnički vjesnik*, 24(3), 753-759, 2017.